

## **No que exatamente a universidade contribui com o capital e com a reprodução da ordem vigente, e o que devemos fazer para sairmos da defensiva e de fato conseguirmos acumular forças para o projeto da universidade popular.**

1- Dizer que a universidade está a serviço dos interesses das elites já é lugar comum no movimento estudantil e nos sindicatos. No entanto, é raro encontrarmos uma caracterização da universidade que aponte em que *exatamente* a universidade contribui com o capital. (Entenda-se “contribuir com o capital” num sentido amplo: não apenas com as empresas, mas na reprodução da ordem vigente). Existe uma carência muito grande de formulação sobre isso, o que é preocupante. Talvez seja um sinal de que a nossa ação política esteja demasiadamente voltada pra luta corporativa, em detrimento da luta pela transformação da sociedade.

2- No que, *exatamente*, a universidade contribui com o capital? Em quatro pontos: em primeiro lugar, a universidade forma não apenas “profissionais liberais”, mas sobretudo mão de obra qualificada e operadores para o Estado e para o capital – juízes, economistas, administradores, engenheiros, técnicos em diversas áreas do conhecimento, professores na educação básica, altos executivos etc.; em segundo lugar, a universidade fornece tecnologia, informações e processos para o capital, do qual o capital se apropria para alimentar a sua força produtiva, direta ou indiretamente; em terceiro lugar, a universidade produz e alimenta ideologias (não no sentido da ideologia do partido A ou do partido B, deste ou daquele movimento, mas no sentido do mascaramento da realidade e dos conflitos existentes na realidade com o propósito de apresentar uma suposta realidade sem conflitos, sem luta de classes – uma falsa realidade), da qual o capital se serve organizar a dominação ideológica na sociedade; em quarto lugar, a universidade é, ela própria, fonte de exploração econômica e lucros, ou um “nicho de mercado” (ou seja, o capitalista pode investir seu capital numa faculdade tanto quanto numa fábrica de sapatos). Estes quatro pontos constituem a espinha dorsal da universidade, no sentido de que é aí que a universidade é estratégica para o capital. (Cada um deles pode *e deve* ser desenvolvido).

3- É lógico que todos nós sabemos destes quatro aspectos. No movimento estudantil, não há grande polêmica em torno dessa constatação. Em verdade, estes pontos são uma obviedade pra nós. Por isso, pode soar arrogante a afirmação de que eles estão ausentes de nossas formulações e de que estão ausentes de nossa ação política. Mas, curiosamente, é isso que tem ocorrido. Temos sido consumidos por uma agenda política centrada, sobretudo, em reivindicações corporativas (mais salas de aula, mais professores, mais assistência estudantil, mais democracia etc.), que são importantes, mas que não podem monopolizar a nossa atuação. Além disso, quando dizemos que estamos sendo “consumidos” por essa agenda, estamos dizendo também que estamos tendo dificuldade de associar as lutas corporativas com a transformação da sociedade. O que tem ocorrido é que as lutas corporativas têm ficado presas nelas mesmas.

4- Vamos examinar um exemplo concreto: a luta por eleições diretas para reitor. Por diversas vezes essa pauta se colocou diante de nós. Em todas as ocasiões, essa luta não conseguiu assumir um sentido que não fosse corporativo: afirmamos que a eleição tal como ocorre hoje é antidemocrática, que os estudantes e trabalhadores não têm peso algum na votação, que quem decide é uma minoria etc. Essa é uma abordagem possível. Mas, se nos preocuparmos em situar a luta por eleições diretas para reitor numa leitura global da universidade, cujo aspecto central é o papel da universidade na luta de classes, a abordagem será outra. Caracterizaremos a eleição para reitor tal como ocorre hoje não apenas como um método de eleição “antidemocrático” em que “não há participação”, mas um método que garante aos donos do poder que o futuro reitor seja alguém vinculado aos interesses do capital; e, em paralelo, caracterizaremos a eleição direta para reitor (que é o que reivindicamos) não apenas como justa porque ela é “mais democrática”, mas porque é a eleição direta para reitor que possibilita que o futuro reitor seja alguém comprometido com um projeto de universidade voltado para a transformação da realidade, para as necessidades da grande maioria da população. Note-se então que o problema não está na pauta

em si mesma, mas no modo como a abordamos. Na segunda abordagem, não se perde de vista o central: *em que sentido a eleição para reitor faz diferença na luta de classes.*

5- O exemplo pode ser estendido a qualquer luta pontual e específica. Qualquer que seja o exemplo, quando organizamos uma luta, por mais pontual e corporativa que seja (desde a reivindicação de algo até a luta contra uma medida do governo), nós necessariamente damos um sentido para a luta. O ponto é que nós estamos encontrando dificuldade de situar ou contextualizar as lutas pontuais e corporativas na luta de classes. O resultado é que, não assumindo um sentido global, as lutas acabam assumindo um sentido corporativo. No exemplo da eleição para reitor, não se consegue ir além de “queremos democracia para a nossa participação”. Ora, quando isso acontece, na prática o que estamos fazendo é uma abstração da realidade, como se na realidade não houvesse luta de classes: no exemplo da eleição para reitor, é como se a eleição não tivesse nada a ver com a luta de classes, quando na verdade é a luta de classes o conflito fundamental que está em jogo aí. Ora, se quisermos de fato contribuir para transformar a sociedade, devemos ser capazes de situar os conflitos nos quais estamos envolvidos, por mais pontuais que sejam, na luta de classes, de uma maneira que os estudantes entendam essa relação e que este seja o sentido da luta pra eles.

6- A luta corporativa pode levar também ao conservadorismo. Esse é um risco real, e muitas vezes nós caímos nessa armadilha sem percebermos. Um exemplo do conservadorismo é a abordagem, recorrente nas nossas reivindicações, da “qualidade”. Uma causa sem dúvida justa, mas que facilmente pode assumir um viés conservador – não apenas na sua simbologia, mas na prática. Reivindicamos um ensino de qualidade, infra-estrutura de qualidade etc., e lutamos por isso. E essa luta rende frutos: professores são contratados, laboratórios são montados etc. No entanto, é necessário questionar: esses frutos colocam-se a serviço de que interesses? Não pode ocorrer de lutarmos por algo que, uma vez conquistado, vá beneficiar apenas os interesses das elites? Não raras vezes, é isso o que ocorre. E ocorre justamente porque, no processo da luta, perdemos de vista o que é *central*: “qualidade” *em prol de que interesses?* Se menosprezamos isso, se o foco de nossa luta é a “qualidade” incondicionalmente, a “qualidade” pela “qualidade”, acabamos mais uma vez caindo numa abstração. Porque “qualidade”, em abstrato, não existe. O que existe na realidade concreta é um conflito de interesses, e, ao contrário do que os donos do poder na universidade afirmam, a universidade nem sempre atende “à sociedade” como um todo – aliás, raramente atende “à sociedade”. Na maioria das vezes a universidade atende aos interesses de uma minoria que já é privilegiada, e com isso contribui com o sistema opressor e explorador vigente em nossa sociedade. No entanto, nós reivindicamos “qualidade” como se pudesse existir uma “qualidade” em abstrato. Daí, para fazermos o papel de linha auxiliar dos interesses mais atrasados que existem em nosso país, é um passo.

7- Outro exemplo de conservadorismo é na abordagem da expansão de vagas. Diante da política de expansão demagógica (na medida em que não vem acompanhada das condições para o estudo) acabamos nos colocando contra a expansão, no combate à expansão. Se não é nosso papel defender com unhas e dentes essa política de expansão, tampouco é nosso papel combater a expansão, mesmo que em condições precárias. É nosso papel aproveitar essa situação gerada pela expansão e organizar os estudantes para lutar por condições adequadas. Portanto, colocar-se contra a expansão é um erro tático, que nos coloca numa posição conservadora, em que alimentamos a ordem social vigente, elitista, sem sequer nos darmos conta disso. Isso tudo ocorre por que? Porque estamos sendo incapazes de situar as pautas concretas e pontuais que enfrentamos no nosso cotidiano numa leitura global da universidade e seu papel na sociedade de classes.

8- Mesmo que consigamos escapar da armadilha do corporativismo e do conservadorismo, organizando as lutas corporativas de uma maneira adequada, só isso não basta para que nossa intervenção contribua para transformar a universidade e a sociedade. Por mais que consigamos situar as demandas corporativas dos estudantes na luta de classes, evidenciando a relação entre uma e outra, o fato é que só fazer lutas corporativas não é suficiente. Ao lado das lutas corporativas, é necessário que consigamos organizar e igualmente priorizar a *luta ideológica*. No que consiste e qual é o papel da luta ideológica? Embora geralmente vise também à obtenção de ganhos ou conquistas concretas, o centro

da luta ideológica acaba sendo outro. O ganho mais importante, no caso, é influenciar mais pessoas, disputar seus valores, seus ideais, ganhá-la para um projeto de sociedade e para uma visão de mundo.

9- A luta ideológica consiste na denúncia das contradições mais evidentes da ordem social vigente, aquelas contradições que a direita não quer que sejam evidenciadas, não quer que sejam ditas, e que, quando exploradas, incomodam, e de tanto incomodar obrigam a direita a se colocar, a se expor, a “confessar” o seu atraso e a sua ignorância. Um caso recente e emblemático é a luta por cotas na universidade – que é, na verdade, uma combinação de luta corporativa com luta ideológica. Nos últimos anos essa luta ganhou corpo, e obrigou um senador do DEM a defender publicamente, numa audiência no STF, a idéia de que a escravidão “não foi tão ruim assim” (literalmente, nestes termos!). Essa luta, assim como a luta contra o elitismo, a mentira, a arbitrariedade, a homofobia, o machismo etc., são lutas ideológicas que cumprem um papel central.

10- Portanto, o papel da luta ideológica não é outro senão polemizar, incomodar a direita (coisa que a luta corporativa raramente faz), gerar um debate, dar visibilidade para contradições, obrigar a direita a tirar a máscara e mostrar a sua verdadeira face. Repare que as lutas corporativas raramente cumprem esse papel. Por mais que conquistemos ganhos organizando lutas corporativas, raramente conseguimos, através dessas lutas, gerar choque de idéias e obrigar a direita a confessar quem realmente é e o que realmente pensa. Ora, este escancaramento da realidade tal como ela é, sem mascaramentos, é fundamental tanto para a sensibilização e tomada de consciência das pessoas como para a massificação do movimento. Por isso, só avançaremos no sentido de massificar o movimento e fazer do movimento um sujeito real da transformação da universidade e da sociedade quando a luta ideológica for uma prioridade.

11- Por sua natureza, a universidade é um ambiente altamente favorável à luta ideológica. De um lado, porque, em sua maioria, os estudantes ainda não têm compromissos econômicos tão definidos, o que os torna mais abertos à disputa de consciência, e, de outro lado, pelo alto grau de conservadorismo presente na universidade. Aproveitamos pouco esse potencial. Se nos debruçarmos a examinar como anda a luta ideológica no movimento estudantil, infelizmente teremos que constatar que nós ainda a secundarizamos, e que concentramos quase toda a nossa energia na luta corporativa. E, nos raros momentos em que tomamos a iniciativa de organizar a luta ideológica, geralmente fazemos de qualquer jeito, sem organização, sem planejamento, isso quando não a fazemos de maneira caricatural (luta ideológica que não incomoda ninguém não é luta ideológica). É necessário superarmos essa lacuna em nossa práxis. A luta ideológica deve ser uma prioridade.

12- Nesse sentido, é importante termos claro que podemos perfeitamente explorar uma pauta menos pela justeza de seu mérito e mais pelo potencial que tem de gerar luta ideológica. Este é o caso das cotas, por exemplo. É uma pauta justa, mas, mais do que isso, é uma pauta polêmica. Há pouco tempo, quando essa pauta veio à tona na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), os muros da universidade amanhaceram pixados com mensagens profundamente racistas. Ora, a direita não faz isso diante de pautas corporativas.

13- Um outro exemplo de pauta que, além de justa no mérito, tem uma enorme carga ideológica é a luta pela criação de cursos Pronera na universidade (cursos especiais para trabalhadores rurais). Se é perfeitamente possível ficar indiferente a uma reivindicação como, por exemplo, mais bolsas moradia – geralmente é isso o que acontece: a maioria fica indiferente – é impossível ficar indiferente à proposta de abrir vagas para os sem terra na universidade. O Reitor, o Governo do Estado, a imprensa, as elites, em suma, a direita admitem mais bolsas, mas não admitem de jeito nenhum que “essa gentinha” (os sem terra) tenha acesso à universidade. Por isso é que, há alguns anos, após ter sido aprovado na Congregação da Faculdade de Educação da USP, a proposta de criação do curso *Pedagogia da Terra* foi barrada no Conselho Universitário.

14- Em suma, *mesmo que não tenhamos perspectiva real de ganho* com essas pautas, só o fato de gerar um debate na universidade e obrigar a direita a expor seus preconceitos, a tirar a máscara e confessar todo o seu atraso, já é suficiente para que uma pauta como essa seja priorizada.

15- Por fim, é necessário fazer duas advertências, para evitar que hiperdimensionemos a nossa capacidade e as nossas tarefas neste momento histórico, bem como o inverso, ou seja, que subdimensionamos a nossa capacidade e as nossas tarefas. A essência do projeto de universidade que defendemos pode ser obtida na antítese daquelas quatro funções da universidade na sociedade de classes. A universidade que defendemos é aquela que: forma profissionais comprometidos com o povo e com a transformação da realidade; desenvolve tecnologias, processos e informações que contribuam para transformar a realidade; desconstrói as ideologias e escancara a realidade tal como ela é, com todos os seus conflitos, sem mascaramentos; e, finalmente, a universidade que defendemos é a universidade pública, gratuita, de qualidade socialmente referenciada, laica e de amplo acesso. Ora, não é preciso examinar estes elementos a fundo para perceber duas coisas. De um lado, que a realização desse projeto de universidade depende de uma mudança na correlação de forças na sociedade, o que pressupõe um processo de lutas que ganhe toda a sociedade, em que o povo se levante e lute pelos seus direitos de forma organizada e coesa. De outro lado, é importante constatar que, mesmo sendo profundamente elitista, existem contradições nessa universidade que aí está, e que podemos explorar essas contradições em favor de nosso projeto. Poderíamos dar inúmeros exemplos disso. Basta lembrar que foi nessa universidade elitista que um Florestan Fernandes pôde formar-se, e foi nessa universidade que ele desenvolveu pesquisas e conhecimentos fundamentais para a transformação da realidade.

16- Portanto, podemos tirar aqui duas conclusões: em primeiro lugar, que a luta pela transformação da universidade, travada pelo movimento estudantil, só poderá ser ganha no interior de um processo de lutas maior, na sociedade; em segundo lugar, que, se não está colocada na ordem do dia a transformação da universidade na medida em que a correlação de forças na sociedade não nos é favorável hoje, ainda assim é possível e necessário explorar as contradições dessa universidade, ocupando todos os espaços em que houver abertura, e que isso não só faz avançar o nosso projeto de universidade, como contribui para alterar a correlação de forças na sociedade (ajudando a criar as condições de transformação da universidade e da sociedade).

17- Quem almeja transformar a realidade precisa ter claro que não basta vontade; é necessário ter força. E é preciso ter claro também que, se a força dos nossos inimigos está no dinheiro, na mídia, na polícia, a nossa força está no número de pessoas que conquistamos para o nosso projeto. A luta travada pelo movimento estudantil dentro da universidade tem o enorme potencial de contribuir para a transformação da universidade e da sociedade (enganam-se, portanto, aqueles que vêem o movimento estudantil como apenas um “celeiro de quadros” para os partidos), mas a condição para isso é que o movimento seja capaz de, interferindo onde realmente importa, polarizar a universidade, e, polarizando a universidade, massificar o movimento, criando assim um ciclo virtuoso de intensificação das lutas (corporativas e ideológicas), do trabalho de base, da formação política-ideológica dos estudantes e da massificação do movimento.

Antônio David – Militante da Consulta Popular  
Abril de 2010.